

## ASPECTOS DA GEOPROSÓDIA NO PLANALTO MIRANDÊS

### ASPECTS OF THE GEOPROSODY OF THE MIRANDESE PLATEAU

Alberto Gómez BAUTISTA  
(Centro de Línguas, Literaturas e Culturas | Universidade de Aveiro)  
agbautista@iscal.ipl.pt

Lurdes de Castro MOUTINHO  
(Centro de Línguas, Literaturas e Culturas | Universidade de Aveiro)  
lmoutinho@ua.pt

**RESUMO:** No presente trabalho abordaremos, de forma sucinta, a língua mirandesa e a situação sociolinguística em que se encontra. Mencionaremos também os principais trabalhos existentes sobre a prosódia do mirandês. De seguida, apresentamos alguns resultados iniciais obtidos da análise efetuada em algumas estruturas de três variedades do mirandês, a saber: mirandês meridional ou sendinês, central e raiano (VASCONCELOS, 1901: 27-43). Consideraremos unicamente estruturas simples, em frases interrogativas, incluindo os três tipos de acentuação lexical (oxítone, paroxítone e proparoxítone), quer no SN, quer no SV. Para concluir, teceremos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Corpora* Oraís, Variação Prosódica, Fonética, Fonologia, Mirandês.

**ABSTRACT:** In the present work we will briefly discuss the Mirandese language and the sociolinguistics situation. We will also address the key works on Mirandese prosody. We present below some preliminary results from the analysis performed in some structures of the three Mirandese varieties: Southern, Central and Northern Mirandese (VASCONCELOS, 1901: 27-43). We will consider only simple structures, SVO type, in interrogative sentences, including the three types of lexical accentuation (oxytone, paroxitone and proparoxytone) in the NP and VS. At the end, we will make some considerations about the results obtained.

**KEYWORDS:** *Speech Corpora, Prosodic Variation, Phonetics, Phonology, Mirandese.*

## 0. Introdução

A língua mirandesa ou mirandês, falada numa pequena área da região transmontana e, como já o referia Amadeu Ferreira, “é [...] uma língua falada no Nordeste de Portugal, já desde antes da fundação da nacionalidade portuguesa. Quanto à estrutura é uma língua românica, que teve a sua origem a partir do latim. Historicamente pertence à família de línguas asturo-leonesas, onde também se incluem o asturiano e o leonês” (FERREIRA, 2010), Falada num canto de Trás-os-Montes, na Terra de Miranda persiste uma língua da família asturo-leonesa, denominada mirandês, ainda que com predomínio da influência do português. Embora este idioma já se falasse na época da fundação do Reino de Portugal, só mais tarde, em 1999, com a lei nº 7/99, de 29 de janeiro, viria a ser reconhecido como uma língua de Portugal, de natureza regional ou local. Apesar desse reconhecimento oficial, os direitos que lhe são reconhecidos são diminutos, continuando a ser excluída “como língua das instituições, em particular das instituições políticas locais” (FERREIRA, 2010), continuando, assim, a não ter enquadramento institucional adequado.

Embora o ensino da língua mirandesa se tenha iniciado em 1985/86 (MERLAN, 2009: 402), na Escola Preparatória de Miranda do Douro, com Domingos Raposo, o primeiro professor de mirandês, só depois da lei 7/99 é que o ensino da língua se estende a outros graus de escolaridade, abrangendo alunos da pré-primária ao 12º ano. O ensino do mirandês conta atualmente com 386 alunos a frequentá-lo, segundo informação recente de António Santos (setembro 2018), diretor do Agrupamento de Escolas de Miranda do Douro (AEMD).

Estima-se que falam mirandês entre 6.000 e 8.000 pessoas, embora o número de falantes ativos seja em torno de 3.000 / 3.500 pessoas. Estes dados são estimativas, porque não há dados oficiais a esse respeito. Por outra parte, quem conhece o interior de Portugal sabe que se trata de uma população envelhecida, o que agrava a já precária transmissão geracional da língua e da cultura características da Terra de Miranda.

Antes de apresentarmos o estudo sobre a variação geoprosódica do mirandês, gostaríamos de destacar, em tópicos, alguns aspetos mais relevantes relacionados com a língua mirandesa:

- em 1882, publicação de *O Dialecto Mirandês* de José Leite de Vasconcelos. Primeira obra sobre o mirandês.
- em 1884, *Froles Mirandesas* de J.L. de Vasconcelos. Primeiro livro escrito em mirandês.
- em 1898 Polémica envolvendo a Morais Ferreira frente a Trindade Coelho e José Leite de Vasconcelos.
- em 1938, *Saias*, peça teatral de Alfredo Cortez.
- em 1961, *Nuossa Alma i Nuossa Tierra* A. M. Mourinho.
- a 25 de abril de 1974, Revolução dos Cravos.
- em 1985/1986, início do ensino de mirandês nas escolas de Miranda.

- em 1993, *Bersos Mirandeses* de Manuel Preto.
- a 29 de janeiro de 1999 “Lhei de l Mirandês”. Reconhecimento de alguns direitos da comunidade mirandesófona.
- em 1999, Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa (FERREIRA, MANUELA BARROS e DOMINGOS RAPOSO (coords.)); Publicação da Câmara Municipal de Miranda do Douro/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa).

• de 2001 até a atualidade, *Boom* da literatura em língua mirandesa. Os momentos chave da normalização da língua mirandesa ocorrem em finais do século XIX (1882), mas o início do movimento de recuperação da língua mirandesa ocorrerá mais tarde, com J. L. de Vasconcelos, Abade Sardinha, Bernardo Fernandes Monteiro, Francisco Garrido Brandão, para citar apenas alguns. Outros se lhe seguiram, como o A.M. Mourinho, M. Preto e Alfredo Cortez. Numa fase contemporânea, entre 1999 e 2017, podemos referir: Manuela Barros, A. Bárbolo Alves, Adelaide Monteiro, Domingos Raposo, Francisco Niebro e Fernando Roixo (os dois últimos pseudónimos de Amadeu Ferreira), J. António Esteves, R. Maria F. Martins, Alcides Meirinhos, Alcina Pires, Domingos Raposo, Alfredo Cameirão, Faustino Antão, Afonso Jantarada, entre outros.

Apesar de toda a evolução no sentido de valorização da língua mirandesa, também trazida pelo reconhecimento oficial da língua, o seu uso efetivo continua a ser muito restrito, como o atesta o artigo 4º da Lei 7/99, de 29 de janeiro de 1999:

“As instituições públicas localizadas ou sediadas no concelho de Miranda do Douro poderão emitir os seus documentos acompanhados de uma versão em língua mirandesa” (Lei 7/1999).

Não obstante, a lei tem tido consequências muito positivas para a língua e a cultura mirandesas. De entre os vários aspetos positivos, podemos referir como mais relevantes:

- a mobilização dos mirandeses na defesa e promoção da sua língua;
- o desenvolvimento, junto dos seus falantes, do orgulho pela língua mirandesa, bem como aumento da sua consciência linguística;
- o reforço de uma visão positiva da língua e da cultura mirandesas, tendo, dessa forma, ajudado a combater a secular discriminação e as imagens negativas existentes sobre a língua.

Em termos práticos, a Lei 7/1999 permitiu:

- a manutenção do ensino de mirandês nos vários níveis de ensino lecionados em Miranda do Douro e que se estende, atualmente, até ao fim do ensino secundário;
- a criação de uma série de iniciativas que deram visibilidade ao idioma nos mais diversos meios de comunicação escrita locais, regionais e, até, nacionais;
- o desencadear de um surto de literatura em língua mirandesa, cujas obras se revestem de alguma relevância e interesse do ponto de vista da arte literária (GÓMEZ, 2016: 97).

Note-se que, apesar de tudo o que temos vindo a referir, os estudos no domínio da língua continuam a ser diminutos. Na verdade, como bem dizia Amadeu Ferreira, já em 2010, “não basta uma lei proclamatória, exigindo-se que o Estado, a nível nacional e local, concretize os compromissos que assumiu em lei, nos mais diversos domínios”, para que a língua se mantenha viva, tornando-se, por isso, imperioso que outros estudos se desenvolvam nos domínios da língua e da linguística, o que, porquanto é do nosso conhecimento, não tem acontecido como seria desejável. Se existem algumas pesquisas na área da linguística, são quase exclusivamente de índole segmental, como é o caso da palatalização de «l» e da manutenção das consoantes «l» e «n» em posição intervocálica (VIGÓN, 2000), só para citar alguns exemplos, no que diz respeito à prosódia, com base num levantamento bibliográfico por nós efetuado, constatamos que os estudos do mirandês se circunscrevem a umas breves reflexões de natureza geral na obra de Leite de Vasconcelos, especificamente no trabalho deste linguista em dois volumes: *Estudos de Philologia Mirandesa (1900-1901)*. Encontrámos também algumas referências à entoação em algumas formas de tratamento no mirandês falado na localidade de Sendin no artigo “Modos de Tratamento ne l mirandés de Sendin” (2001) de Amadeu Ferreira.

Também é verdade que esta escassez de estudos, nesta área particular da linguística, a da prosódia, não diz respeito apenas à língua mirandesa. Até há duas décadas, dizia respeito também à língua portuguesa, por se revelar uma área que envolve conhecimentos múltiplos e transversais, desde o conhecimento em fonética experimental, alguma apetência para lidar com programas informáticos comuns ao processamento computacional da língua e de outros, ainda mais específicos, para processamento e análise do sinal acústico. Esta multidisciplinaridade fez com que as pesquisas na área da prosódia surgissem mais tardia e lentamente. Graças ao aparecimento de novas tecnologias, nestas duas últimas décadas, assistimos a uma proliferação de grupos de linguistas que se interessam por este campo de investigação. O aparecimento do Projeto internacional AMPER - Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico -, cuja pesquisa foi iniciada e coordenada por MICHEL CONTINI (CONTINI ET AL, 2002:73-85), é um bom exemplo do que acabamos de referir (ver mais em: <http://www.varialing.eu/>), tendo contribuído, em muito, para o desenvolvimento desta área do conhecimento, no espaço românico, onde se incluem também as duas variedades do português e, mais recentemente, o mirandês: o português europeu e o português brasileiro, designados por AMPER-POR; os estudos para a língua mirandesa designada pela sigla AMPER-MIR, pesquisas coordenadas pela segunda autora deste artigo (GÓMEZ ET AL, 2015: 9-19; MOUTINHO, L. de C. & BAUTISTA, A. G., 2017: 117-140.)

Os dados que aqui apresentaremos, para o AMPER-MIR, resultam dessa investigação já iniciada, embora embrionária, e farão, a médio prazo, parte do Atlas acima referido. Para que isso seja possível,

seguiremos a mesma metodologia de recolha e análise de dados definidas para o AMPER, consultável em [http://www.varialing.eu/?page\\_id=704](http://www.varialing.eu/?page_id=704) e já descrita em outros trabalhos anteriores, que, por essa razão não descreveremos em detalhe, mas que, no entanto, passamos a descrever de forma sucinta:

- *Corpus* induzido mediante imagens;
- Sinal digital;
- Prévio tratamento do sinal acústico;
- Análise em MatLab, no nosso caso recorreremos, também, ao programa Praat;
- Segmentação manual das vogais de cada enunciado;
- Extração automática dos parâmetros de frequência fundamental, energia e duração.

Na recolha, utilizamos um *corpus* elaborado *ad hoc* adaptado a partir do corpus do português europeu continental, quer para o português insular, quer para o português brasileiro, quer ainda para o mirandês.

Veja-se, no quadro abaixo, um exemplo de uma estrutura simples (código identificador da estrutura sintática: twpa/?) utilizada na gravação para cada uma das variedades do português (PE continental, PE insular e (PB português brasileiro) e para o mirandês:

Variedades			
PE continental	PE insular	PB	Mirandês
O Toneca toca no pássaro/?	O fadista gosta da música/?	O Renato gosta do pássaro/?	L garoto topa no páixaro/?
			

**Quadro 1. Exemplo de uma frase simples e respetiva imagem associada.**

Em qualquer caso, as estruturas sintáticas mantêm-se, sendo escolhidos outros lexemas que se adaptem melhor à realidade local, devendo, no entanto, contemplar as três acentuações - oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas - em início e final de enunciado. Também, na constituição dos diferentes *corpora*, foi tido em conta o contexto fonético em que ocorrem as diferentes vogais, de modo a facilitar a análise posterior do sinal acústico. O *corpus* base consta de 66 estruturas, 33 enunciados assertivos/declarativos e 33 interrogativos com a estrutura SVO. Cada uma das estruturas foi repetida, no mínimo, 6 vezes, de forma aleatória, contando o corpus final com 396 estruturas registadas.

Cada gravação começou com um discurso livre que se gravou para posteriores estudos e procuraram-se algumas situações concretas de comunicação, para tentar obter algumas amostras de estruturas em conversação orientada, com o objetivo de conduzir o informante à produção de perguntas e correspondentes respostas.

Em cada ponto de inquérito gravamos um homem e uma mulher que devem cumprir os requisitos estabelecidos no projeto AMPER:

- falantes sem estudos superiores, com mais de 30 anos de idade, que tenham residido sempre na localidade onde se efetua a recolha.

As entrevistas aos informantes realizaram-se no seu domicílio, diretamente para um computador portátil, equipado com um micro unidirecional e placa de som externa ou outro qualquer equipamento que permita garantir a qualidade da gravação e controlar, em tempo real, a qualidade do sinal acústico. Do *corpus* total selecionamos sempre as três melhores repetições, compatíveis entre si, tendo em conta o número de vogais realizadas.

Após a recolha, a etiquetagem e a segmentação do sinal acústico, para todas as vogais, todas as análises são efetuadas manualmente. A extração dos valores de energia, duração e  $F^0$  de todos os segmentos vocálicos foi feita de forma automática graças a scripts desenvolvidos para o Projeto AMPER, quer para o Matlab (MATrix LABoratory, MathWorks), desenvolvidos por ROMANO 2001; quer para o programa Praat, por RILLIARD 2008.



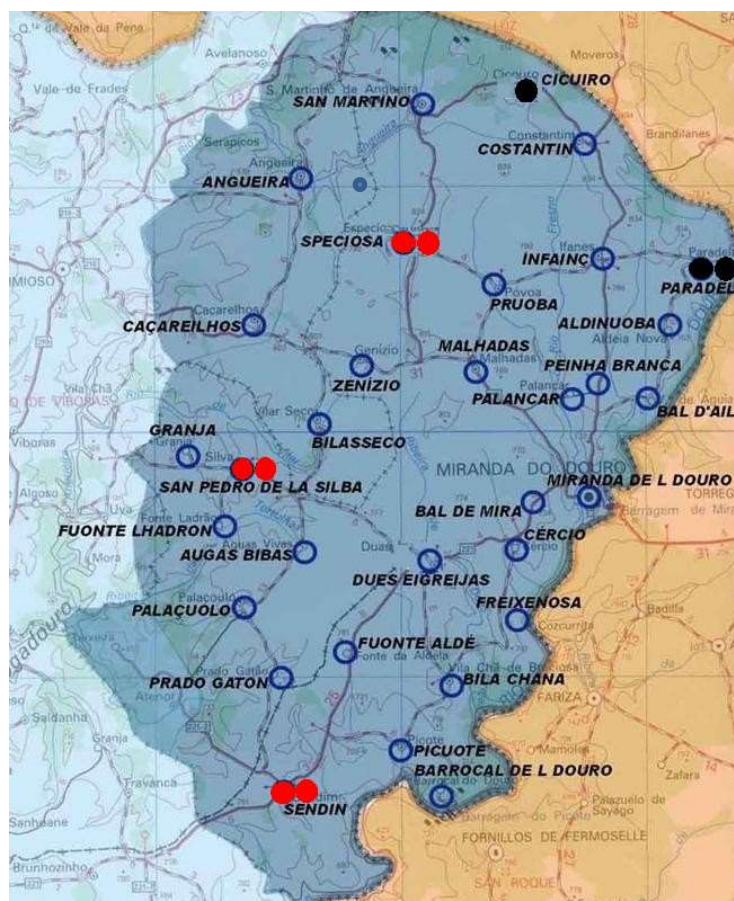
**Figura 1. Localização do planalto mirandês no contexto da península ibérica.**  
(Mapa retirado de: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua\\_mirandesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADngua_mirandesa))

Na figura acima (fig. 1) localizamos o planalto mirandês, no contexto da península ibérica, destacando-se a cor-de-rosa, a área onde se fala mirandês.

A figura 2 (ver abaixo), apresenta o recorte de um outro mapa com a localização de todos os pontos onde a recolha já foi efetuada, destacando-se, a vermelho, as localidades selecionadas para o presente estudo.

Como podemos observar, em representação da variedade setentrional ou “raiana” gravámos em Paradela; para o mirandês central elegeu-se San Pedro de la Silba; e para o mirandês meridional gravámos em Sendin, por ser referida como uma variedade distinta das variedades raiana e central.

Escolhemos, para análise do material recolhido algumas estruturas das três variedades mirandesas já enunciadas por Leite de Vasconcelos há mais de um século (1900/1901), a saber: mirandês meridional o sendinês, mirandês central e mirandês raiano (LEITE DE VASCONCELOS, 1901: 27-43). Posteriormente, outros autores também a elas se referem (FERREIRA e RAPOSO, 1999; FERREIRA (s.d.); GÓMEZ, 2013: 58-62).



**Figura 2. Localização dos pontos onde a recolha já foi efetuada. A vermelho, as localidades selecionadas para o presente estudo (Imagem: Carlos Ferreira, 2006 (adap.).)**

## 1. O presente estudo: metodologia

A metodologia de recolha e análise será a já acima descrita para o Projeto AMPER. Depois de selecionados os pontos de recolha escolhemos da lista de frases gravadas apenas algumas estruturas para este estudo.

Pelas razões aludidas supra (as diferentes variedades existentes para o mirandês), recolhemos dados de três localidades desse espaço linguístico: Paradela, San Pedro de la Silba e Sendin.

Apenas nos debruçaremos, sobre os seguintes dados:

- resultados de análise de dados referentes a 3 mulheres;
- 9 estruturas interrogativas que incluem as três acentuações lexicais previstas no *corpus*
  - estruturas com variação acentual no SN e no SV.
  - estruturas na modalidade interrogativa, produzidas por cada uma das informantes mulheres, gravadas para cada uma das variedades acima referidas.

Todas as informantes a quem se referem os dados que nos servem de base a este estudo usam a língua mirandesa no seu quotidiano. As estruturas analisadas são estruturas simples, do tipo SVO, apenas na modalidade interrogativa. Do conjunto do *corpus* gravado, depois de previamente etiquetado, selecionamos, por estrutura, as três repetições que nos parecem mais naturais e compatíveis, em termos de vogais realizadas. No final desta seleção, obtivemos 81 estruturas, cada uma delas com 10 vogais<sup>1</sup>, o que perfaz um total de 810 vogais analisadas. Segue-se a Tabela 1 onde se encontram as estruturas objeto da análise que aqui se apresentará:

Códigos AMPER	Enunciados extraídos do <i>corpus</i> total gravado
Pwki	L páixaro topa no capataç?
Pwti	L páixaro topa no garoto?
Twti	L garoto topa no garoto?
Kwti	L capataç topa no garoto?
Twki	L garoto topa no capataç?
Kwki	L capataç topa no capataç?
Kwpi	L capataç topa no páixaro?
Pwpi	L páixaro topa no páixaro?
Twpi	L garoto topa no páixaro?

**Tabela 1. Estruturas selecionadas.**

<sup>1</sup> Note-se que no artigo «l» muitos falantes de mirandês pronunciam uma vogal embora na grafia se represente apenas a consoante.

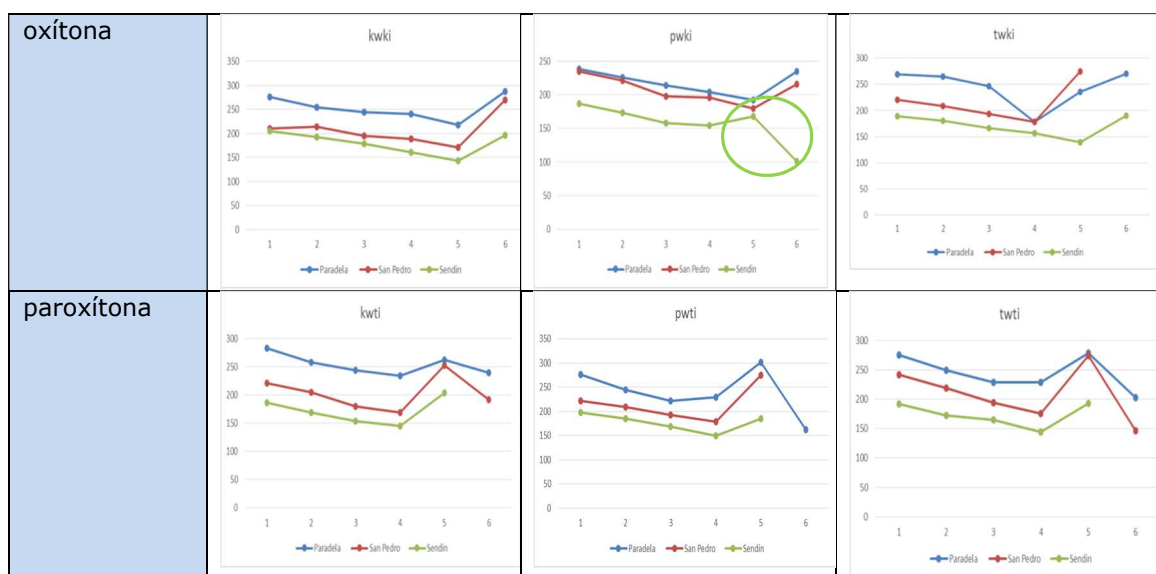


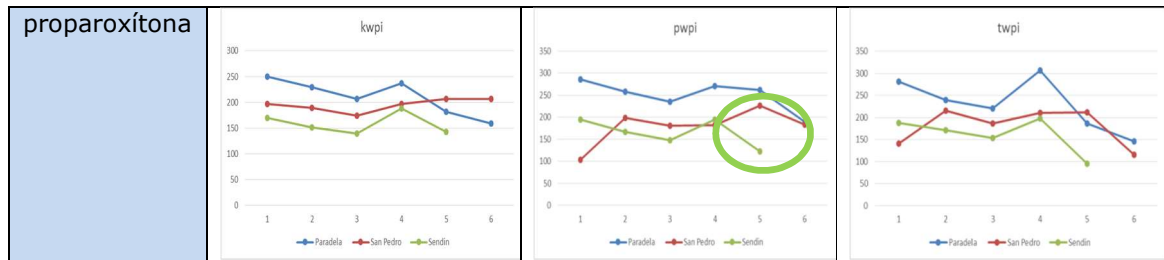
## 2. Alguns resultados

### 2.1. Variação diatópica em função do movimento de F<sup>0</sup> nas diferentes acentuações

De seguida apresentam-se os resultados para cada uma das informantes representantes de cada uma das variedades diatópicas escolhidas. Os dados representados dizem respeito ao movimento da frequência fundamental (F<sup>0</sup>) (figura 3) e da duração das vogais (figuras 4, 5, e 6). Não referiremos a energia por nos parecer, pelo menos neste caso e, neste momento, não ser relevante para a distinção entre as falantes e as variedades aqui estudadas, como aliás acontece nas variedades do português.

A título de exemplo, representamos na figura 3 os resultados para as três localidades analisadas. Nessa figura mostra-se o movimento da curva melódica no SV, em final de enunciado, tendo em conta as três acentuações em apreço. Podemos observar que o acento léxico não parece influenciar (salvo em algum detalhe) o movimento da curva melódica, em nenhuma das variedades analisadas. Na verdade, constatamos que ao observarmos a figura 3 os movimentos de F<sup>0</sup> aparecem muito semelhantes para as 3 variedades aqui estudadas. Excetua-se a variedade de Sendin que, em duas das acentuações – oxítone e proparoxítone – apresentam um movimento diferenciado das demais. Estes resultados são os expectáveis e aproximam-se, para este tipo de acentuação em final de enunciado, dos movimentos que ocorrem nos enunciados do português (MOUTINHO, L. C. e COIMBRA, R. L. 2014).

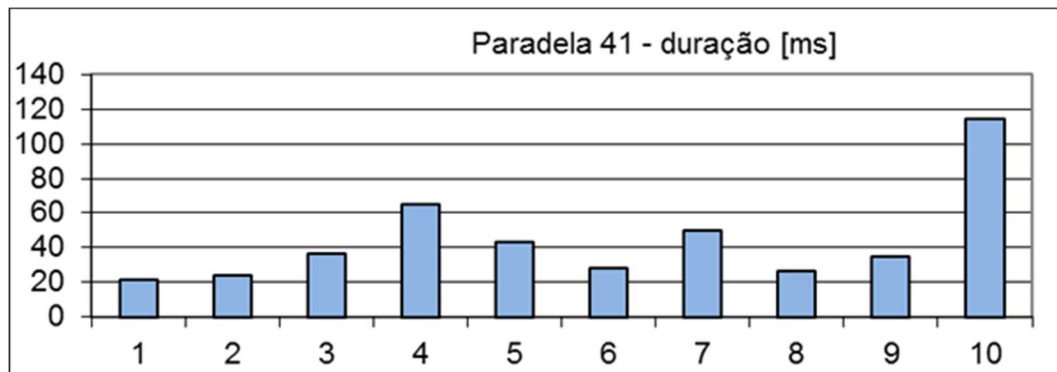




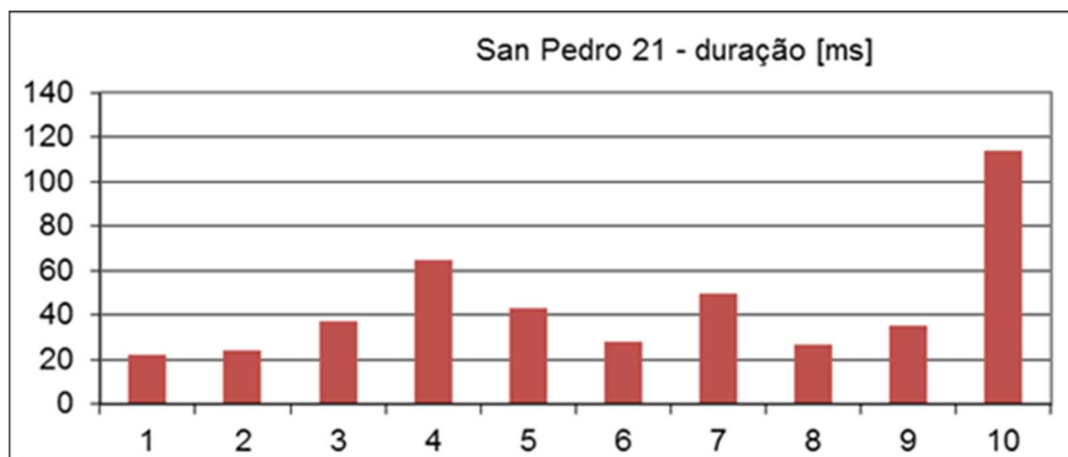
**Figura 3. Movimento de SV da curva melódica com variação do acento lexical, em final de enunciado.**

## 2.2. Variação diatópica em função da duração

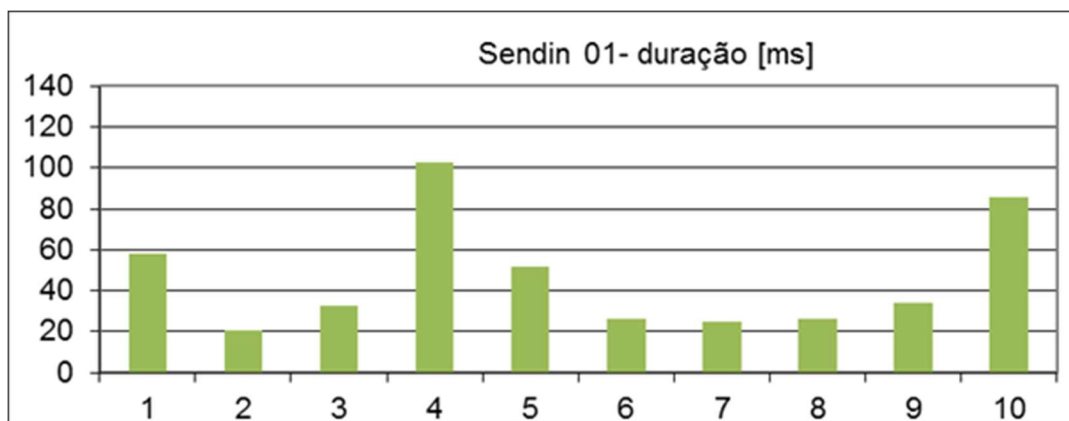
Nas figuras 4, 5 e 6 comparamos a duração das vogais no enunciado kwki (*l capataç topa no capataç*) para os dados de cada uma das localidades analisadas.



**Figura 4. Valores de duração para Paradelá**



**Figura 5. Valores de duração para San Pedro.**



**Figura 6. Valores de duração para Sendin.**

Pela observação das figuras 4, 5 e 6, podemos constatar que, independentemente da variedade, globalmente, as sílabas tónicas são mais longas, tal como ocorre normalmente em português. Além disso, note-se que os valores finais de enunciado, certamente por se tratar de uma frase interrogativa, com final oxítono (*capataç*), são, em todos os casos, superiores aos de qualquer outra vogal, facto que aproxima, mais uma vez, as duas línguas, visto que este mesmo fenómeno ocorre também em português, podendo afirmar que, também para a língua mirandesa, a duração, por si só, não se revela um parâmetro capaz de distinguir variedades entre si.

### 3. Considerações finais e trabalho futuro

Concluiremos dizendo que, também para o mirandês, se confirma que é a  $F^0$  a responsável pela distinção das variedades aqui estudadas. De forma semelhante ao observado noutras línguas românicas, a duração é maior quando coincide com a vogal portadora do acento lexical e esse parâmetro não aparece como responsável pela distinção entre variedades.

No caso das interrogativas, é no último tonema, onde se encontra o maior número de informação e, por essa razão, onde também se manifestam as principais diferenças entre variedades. Cabe ainda assinalar que o acento lexical não parece influenciar o movimento da curva melódica, como acima já foi referido, ocorrendo um movimento ascendente, apenas quando se trata de um final de frase oxítono, tal como acontece em português. O movimento diferenciado que ocorre com a informante de Sendin, terá de ser reavaliado após análise de um maior número de dados, não podendo, por enquanto, afirmar-se que essa variedade se distingue das demais. Os resultados apurados são consentâneos com o que afirmamos na parte introdutória deste texto, onde referimos que, apesar do mirandês ser da família asturo-leonesa, terá sido sobretudo a língua portuguesa que mais o terá influenciado,

sendo, por isso, natural que as duas línguas se assemelhem a vários níveis linguísticos.

Apesar de ainda estarmos numa fase embrionária, como o referimos logo no início deste artigo, a relevância de que este tipo de estudos se reveste, também, e sobretudo, para as línguas minoritárias, como é o caso do mirandês, entendemos que a sua divulgação é de grande pertinência, mesmo nesta fase. A existência da variação constatada, motiva-nos a dar continuidade a este tipo de pesquisa. A análise de outros dados estão em curso e estando já previstas, a curto prazo, novas recolhas de corpora, de modo a abrangermos um maior número de informantes e também um maior número de pontos de recolha. O aprofundamento destes estudos contribuirá para uma melhor descrição da variação prosódica do mirandês no interior das variedades diatópicas referidas desde Vasconcelos (mirandês meridional ou sendinês, central e raiano), tudo levando a crer que essas variedades ainda perduram aos níveis já por ele descritos e estendendo-se também à variação prosódica. É também nosso objetivo, desenvolver posteriormente, estudos contrastivos, com outras línguas românicas e, prioritariamente, com as variedades do português, de modo a determinarmos, com mais rigor, a existência de semelhanças e/ou diferenças entre estas duas línguas faladas em Portugal.

#### Referências bibliográficas

CONTINI, M et al, 2002. "Vers un Atlas prosodique parlant des variétés romanes". In *Sempre los camps auràn segadas resurgantas. Mélanges offerts à Xavier Ravier*, Toulouse 2002: 73-85.

CORTEZ, A. *Saias. Peça em Três Actos*. Porto: Edição de Vasco Rodrigues, 1938.

FERREIRA, A. O mínimo sobre a língua mirandesa. Estudo publicado na *Revista do Festival Intercéltico, Sendim*, 2010].

Disponível em: <https://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/1294.html>.

[acedido em 03/12/2018].

\_\_\_\_\_. Modos de tratamento ne l mirandês de Sendin, *Filandar/Fiadeiro*, n.º de 2001 (dezembro), Zamora Disponível em: <http://studosmirandeses.blogs.sapo.pt/tag/modos+de+tratamiento>.

FERREIRA, M. Barros e Domingos Raposo (coords.) *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Miranda do Douro/Lisboa: Câmara Municipal de Miranda do Douro/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1999.

BAUTISTA, Alberto Gómez; MOUTINHO, Lurdes de Castro. Aspectos da Geoprosódia no Planalto Mirandês. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 30-42, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

GÓMEZ, A. El mirandés: historia, contexto y procesos de formación de palabras. Tese de doutoramento inédita, 2013. Disponível em: <http://eprints.ucm.es/23981/1/T35037.pdf>

\_\_\_\_\_. Contributo para uma história do asturo-leonês em Portugal. *Lletres Asturianes*, ISSN 0212-0534. nº. 115, 89-102, 2016. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5769226>

GÓMEZ, A.; R. L. COIMBRA & L. de C. MOUTINHO "Proposta para o estudo da variação prosódica em mirandês contemporâneo", in MOUTINHO, L. de C.; COIMBRA, R. L.; FERNÁNDEZ REI, E. *Estudos em variação geoprosódica*. Aveiro: UA Editora (ISBN: 978-972-789-467-3), 9-19. 2015. Disponível em: <http://ria.ua.pt/handle/10773/15098>

MERLAN, A. El mirandés: situación sociolingüística de una lengua minoritaria en la zona fronteriza portugués-española. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana, 2009.

MOURINHO, A.M. *Nuossa Alma i Nuossa Tierra*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1961.

MOUTINHO, L. de C.; BAUTISTA, A. G. Uma primeira abordagem ao estudo da prosódia da língua mirandesa. in Bautista, A. G.; MOUTINHO, L. de C. & COIMBRA, R. L. (coord.). *Ecolinguismo e Línguas Minoritárias*. (e-book). Aveiro: UA Editora, (ISBN 978-972-789-496-3), pp. 117-140, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/17060>

MOUTINHO, L. C. ; COIMBRA, R. L. Variation prosodique dans les interrogatives totales du Portugais European continental, in: Congosto, Y.; Montero, M. L.; Salvador, A. (eds.). *Fonética experimental*, Educación Superior e Investigación, III vol.. Madrid: Editorial Arco/Libros, pp. 153-170, 2014.

MOUTINHO, L. et al. Projeto de um Atlas prosódico multimédia do espaço. In: LAI, J. (ed.). *Project AMPER - Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman*. *Géolinguistique*, hors série n.º 3, pp. 7-18, 2005.

PRETO, M. *Bersos Mirandeses*. Vila do Conde: Edições Salesianas, 1993.  
RILLIARD, A. Outils pour le projet AMPER. 2008.  
<https://perso.limsi.fr/rilliard/InterfaceAMPER.html>

ROMANO, A. *Analyse des structures prosodiques des dialects et de l'italien régional parlés dans le Salento* (Italie): approche linguistique et instrumentale. Lille: Presses Université. du Septentrion, 2001.

BAUTISTA, Alberto Gómez; MOUTINHO, Lurdes de Castro. Aspectos da Geoprosódia no Planalto Mirandês. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIX: 30-42, 2019. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

VASCONCELOS, J. L. *O Dialecto Mirandez*. Oporto: Livraria Portuense, 1882.

VASCONCELOS, J. L. *Froles Mirandezas*. Oporto: Livraria Portuense Claver & Cía, 1884.

VASCONCELOS, J. L. *Estudos de Philologia Mirandesa*, vol I e II. Lisboa: INCM, 1900/1901.

VIGÓN, S. El mirandés nel Cuadro de les Llingües Peninsulares. In: José Francisco Meirinhos (coord.). *Estudos mirandeses: balanço e orientações, Homenagem a António Maria Mourinho*. Porto: Granito, 77-83, 2000.